

Entre o espanto e o conflito: as reações dos nativos à chegada dos primeiros europeus à Costa Leste-Oeste

Jóina Freitas Borges *

Resumo

A partir dos depoimentos de capitães, pilotos e tripulantes, presentes nas primeiras expedições espanholas que atingiram a costa setentrional da América do Sul, cotejando-os com as narrativas de cronistas, dentre outros documentos, examinamos a recepção dos indígenas da costa norte brasileira à chegada dos adventícios. Nas poucas informações sobre os “índios”, é possível observar, entre o “esconder-se”, o comércio e o conflito, as diversas reações dos grupos indígenas, provavelmente bem diferentes entre si. Tais informações, apesar de escassas e, por vezes, desencontradas, compõem os poucos relatos referentes aos primeiros contatos na região, e refletem a reação imediata à intrusão estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas; Contato; Costa Setentrional Brasileira.

Résumé

De las dépositions des capitaines, des pilotes et membres de l'équipage, présents dans les premières expéditions espagnoles qu'ont atteint la côte nord de l'Amérique du Sud, rassemble les récits de chroniqueurs, d'entre autres documents, nous examinons la réception des indigènes de la côte nord brésilienne à l'arrivée des adventices. Dans le peu d'informations sur les «Indiens», peuvent être observées entre le «occulter», les échanges et les conflits, les réactions des divers, et probablement très différentes, groupes indigènes. Ces informations, bien que peu, et parfois en désaccords, sont quelques rapports concernant aux premiers contacts dans la région et de tenir compte de la réponse immédiate à des intrusions.

MOTS-CLÉS: Indigènes; Contact; Côte Nord Brésilienne.

O cronista Pedro Márтин de Anglería (1989: 13), pouco dado a elucubrações, assim relata o primeiro encontro, em 1492, entre os indígenas do arquipélago das Bahamas e a frota espanhola, comandada por Cristóvão Colombo: “Saliendo a tierra allí por primera vez, vieron hombres indígenas, que, mirando en tropel a la gente nunca vista, huyeron a refugiarse todos en espesos bosques cual tímidas liebres ante los galgos [...]”.

Diante de uma situação tão inusitada, pois para os olhos indígenas as grandes embarcações que surgiam no mar, seriam o que na nossa cultura chamaríamos de “objetos não identificados”, a atitude mais sensata era mesmo a de se esconder. Michel Mollat (1983 Apud PERRONE-MOISÉS, 1996: 52), em uma “[...] análise das modalidades dos encontros [...]”, afirma que “[...] o espanto foi acompanhado de reserva, de desconfiança, de receio e se traduziu por hesitações, uma espécie de vai-e-vem, até chegarem à troca de presentes e ao esboço de marcas de confiança [...]”. Deve-se ampliar, entretanto, o leque de reações que

* * Professora do Curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre da UFPI, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFF.

podem acontecer nesses “primeiros encontros”, os quais, por obviedade, irão reportar a situações de estranhamento, nas quais a amplitude dos comportamentos pode variar desde a boa acolhida ao conflito.

O que se sabe dos “primeiros encontros”, no caso dos indígenas americanos, sempre abriga a perspectiva daqueles que chegam, dos intrusos, já que os “nativos”, os “aborígenes” (*ab origine* – desde o princípio) não deixaram relatos escritos sobre essas primeiras aproximações. Assim, tem-se apenas uma das perspectivas da história. O questionamento do teor de “primeiro encontro”, então, deve contemplar não apenas o caráter etnocêntrico do olhar europeu lançado sobre os indígenas, mas a própria condição de “primeiro”, e ainda, o caráter de “novidade” deste “encontro”, pois as notícias sobre os adventícios, após as primeiras explorações européias, devem ter-se espalhado entre os grupos indígenas que possuíam relações entre si.

Deve-se ressaltar, ainda, conforme Whitehead (1993: 288-289), o cuidado com que se tem que entender o “contato”, não apenas como um único instante, a partir do qual, os europeus “introduziram” mudanças históricas nas sociedades indígenas, mas como um processo mais complexo, o qual não apenas implicou em transformações culturais, sociais e político-econômicas impostas pelos adventícios, mas também resultou em consentimentos, em continuidades mantidas nas culturas nativas, não só através da resistência, como através da negociação e da resiliência.

Um exemplo registrado, do papel ativo dos indígenas no fornecimento de informações, provém do piloto André de Morales (COLLECION, 1892: 204), em depoimento nas *Probanzas*¹, onde afirmou que passou o conhecimento de terras situadas mais ao sul a Cristóvão Colombo, “[...] por ynformacion que tenia de un yndio [...]”. Claro que a testemunha tenta valorizar sua própria participação na “descoberta” do continente sul-americano, mas de qualquer forma, o que se pretende ressaltar com esse pequeno exemplo, é a participação indígena já no próprio processo de descobrimento.

Em trinta de maio de 1498, parte a terceira frota espanhola em direção ao Ocidente, mais uma vez sob o comando do Almirante Cristóvão Colombo, agora seguindo mais ao sul. Colombo, que até então só havia descoberto as ilhas caribenhas, buscava encontrar as terras que acreditava fazerem parte da extremidade oriental da Ásia, para, assim, chegar às Índias.

¹ □ As *Probanzas* são depoimentos recolhidos a partir de 1508 nos processos judiciais movidos pelos herdeiros de Cristóvão Colombo, conhecidos por *Pleitos Colombinos*. Os herdeiros requeriam à Coroa Castelhana os privilégios e direitos concedidos ao descobridor, garantidos pelas Capitulações assinadas entre Colombo e os Reis Católicos. Tais documentos, cuja fase principal do processo se desenrolou entre 1508 e 1536, tiveram como depoentes várias importantes personagens das primeiras viagens de “descobrimento” espanholas.

Por certo, as informações indígenas sobre as terras situadas mais ao sul lhe deram a maior convicção de que atingiria seu objetivo. Apesar de não ser bem o que almejava, encontrou a *Tierra Firme*. Chegou à Costa de Pária (Venezuela) em agosto daquele ano.

A primeira reação dos habitantes nativos perante o encontro com os europeus, descrita por alguns dos participantes da expedição, é a de espanto: “[...] vyo como la jente de aquella provincia se espantava de ver los cristianos, como jente que nunca los avian visto [...]” (CORRAL, apud COLLECÍON, 1892: 114). Devem ser observadas, entretanto, diferenças entre os grupos contatados, pois Pedro Mártir de Anglería (1989: 56-57) relata que os primeiros povos encontrados, nas proximidades da ilha de Trinidad, saíram ao encontro dos europeus em uma canoa, armados de escudos, arcos e flechas. Colombo notou que eles eram povos diferentes dos que até então tinha visto, inclusive por cobrirem as virilhas “[...] con una venda de algodón tejida de vários colores [...]”. Há no primeiro momento um receio de aproximação por parte dos indígenas, os quais não foram atraídos pelos “presentes” ofertados pelo Almirante. Este, então, mandou que tocassem pífaros e atabales, cuja melodia foi entendida pelos nativos como sinal de ataque, fazendo com que estes empunhassem arcos e flechas. Não houve entendimento, e os indígenas fugiram “[...] más veloces que el viento”.

Seguindo viagem, Colombo encontrou grupos mais amistosos no primeiro desembarque nas terras continentais, na Costa de Pária. A maioria dos depoentes nas *Probanzas* descreveu o “maravilhamento” dos povos perante o encontro: “[...] los yndios que en la dicha provyncia avja se maravillavan de ver los cristianos como gente que nunca los avyan ysto e les olian la ropa e dezian por señas si venyan del cielo e hazian otras cosas semejantes [...]” (TERREROS, apud COLLECÍON, 1892: 149-150).

[...] según lo queste testigo alcançó de los yndios de la dicha provyncia , le parece que nunca otra gente fue a la dicha provincia primero que el dicho almyrante, por que luego que saltaron en tierra salian los yndios a los cristianos e les olian la ropa e todo lo que llevavan e se maravillavan de los ver, e quel dicho almyrante por señales preguntava a los dichos yndios que cómo se llamava aquella tierra e le dezian que Parya [...]. (IBARRA, apud COLLECÍON, 1892: 138-139).

É interessante, dentre as reações descritas sobre esses primeiros encontros na costa setentrional da América do Sul, que várias testemunhas relatam que os indígenas cheiravam (*olian*) os expedicionários, numa nítida atitude de procura de reconhecimento. Olhos, nariz, mãos, quem sabe a boca, e, com certeza, ouvidos atentos àquela estranha língua: todos os sentidos a postos para apreender o novo. “Será que estes seres estranhos vinham do céu?” É o que várias testemunhas entenderam, a partir dos sinais esboçados pelos indígenas. Claro está,

em muitas passagens, que os europeus levavam os chamados “línguas”, intérpretes nativos das ilhas caribenhas, para entabular as primeiras conversações. Desde a primeira navegação, Colombo fez uso dos intérpretes indígenas, inclusive, levando alguns para a Europa para que aprendessem o espanhol e, nas outras viagens, atuassem nesse sentido.

Levando em consideração que a costa da Venezuela foi a primeira terra continental a ser oficialmente contatada, deve-se procurar compreender qual o impacto e qual o alcance das notícias sobre esse primeiro encontro nas sociedades indígenas. De outro lado, há de se ressaltar o imediato interesse por parte dos adventícios, já que, diferente do que fora encontrado até então, os nativos dessa região possuíam artefatos de ouro e pérolas.

Como coloca Whitehead (1999: 406), é muito provável que a perplexidade no primeiro encontro na região da Venezuela, aquele no qual os indígenas fugiram “mais velozes que o vento”, tenha sido maior por parte dos europeus do que dos nativos. Nesta terceira viagem de Colombo, seis anos após a presença europeia no Caribe, é muito provável que diversos grupos indígenas, que possuíam complexas relações de troca com os indígenas das Pequenas Antilhas, já soubessem da presença dos adventícios nas ilhas.

O interesse pelas pérolas e a busca de uma passagem para o Oriente, costeando o continente encontrado, reativaram nos reis espanhóis o interesse pelo território recém-descoberto, que expediram várias autorizações para a exploração da costa setentrional sul-americana.

Na segunda dessas expedições, de Pero Alonso Niño e os irmãos Guerra em 1499, os europeus tiveram conhecimento prático das contendas existentes entre os nativos, pois em um conflito com os caribes, os europeus resgataram um indígena prisioneiro que “[...] con gestos de las manos, ojos y cabeza, dio a entender que aquella gente nefanda se había comido a seis compañeros suyos miserables [...]”, diz Pedro Mártir (1989: 72) em nítido discurso humanista, já embebido da dicotomia que passa a ser construída, desde a primeira viagem de Colombo: “indígenas dóceis, fáceis de civilizar” X “temíveis caribes, comedores de carne humana”.

Pedro Mártir (1989: 69-73), no relato da viagem de Pero Alonso Niño, traz importantes informações sobre os grupos encontrados na costa da Venezuela: revela povos totalmente diferentes entre si, os quais receberam os europeus também de forma diferente (uns impediram o desembarque dos intrusos, enquanto outros acorreram às embarcações europeias ansiosos pelas trocas); fala de costumes de enterramento; da alimentação; das trocas entre os indígenas; inclusive de “feiras” que existiam para as permutas. Na região de Haraia, destaca a existência de salinas, as quais os indígenas “[...] no solo usan la sal para los usos

domésticos, sino que, formando con ella ladrillos la venden a los extraños a cambio de cosas ajenas” (Ibid: 73).

É importante ressaltar que os povos da região de Curiana, que possuíam abundância de pérolas, usavam adornos de ouro os quais, informaram aos europeus, conseguiam trocando com os habitantes de Cauchieto, que se localizava a seis dias de caminhada: “[...] También éstos llevaban perlas al cuello, pero se las proporcionaban de Curiana a cambio de oro. Ninguno de ellos quiso permutar nada que hubiera conseguido de otra parte, como, por ejemplo, ni los curianenses el oro, ni los de Cauchieto las perlas [...]” (ANGLERÍA, 1989: 71). Esta pequena passagem permite entrever a valoração que os indígenas impunham aos próprios produtos, contradizendo a velha idéia de ingenuidade nas trocas.

Lembrando os trabalhos de Whitehead (1993;1999) que revalorizam as redes de comércio existentes entres os grupos indígenas do nordeste da América do Sul, adicionando às novas informações arqueológicas, que revelam sociedades complexas existentes na região amazônica (ROOSEVELT, 1992), e a par da crítica que vêm sendo feitas às antigas abordagens antropológicas, que entendiam as sociedade indígenas da América pré-colombiana como “isoladas”, “a-históricas”, “frias” (HILL, 1996), tais informações não parecem exegeses equivocadas do cronista, a partir dos relatos dos expedicionários.

Reportando diretamente à Costa Leste-Oeste², a expedição de Vicente Yañez Pinzón foi a primeira, oficialmente, a alcançar as terras brasileiras, em vinte e seis de janeiro de 1500. O local mais provável para o primeiro desembarque, conforme Guedes (1975), foi no Ceará, junto à atual cidade de Fortaleza, em um cabo que Pinzón batizou de *Santa Maria de la Consolación*, que pode ser identificado como a ponta do Mucuripe.³

No primeiro desembarque só encontraram marcas da presença humana nas praias, e apesar de passarem dois dias no local, não viram homem algum. Sinalaram sua chegada em pedras e troncos de árvores, tomando posse do território em nome da Coroa de Castela, e seguiram viagem.

² □ Apesar de o foco do trabalho ser a então chamada Costa Leste-Oeste brasileira, a análise teve que partir da costa setentrional da América do Sul, não só em virtude da proximidade, continuidade e do acesso dos europeus à região, devido às correntes marinhas e ventos que os empurravam no sentido da costa brasileira, mas também para procurar entender as aproximações entre as ocupações humanas em toda a costa setentrional da América do Sul, pois há algumas semelhanças em termos de ecossistemas (por exemplo presença de manguezais), como há semelhanças em tipos de ocupação pré-histórica: presença de concheiros e de povoações sobre palafitas no Brasil, nas Guianas, e na Venezuela. É evidente que o padrão pré-histórico não deva ser levemente transplantado para os tempos do contato, entretanto, os relatos falam de comunidades pescadoras, coletoras de moluscos, e os sítios arqueológicos possuem datações de milhares de anos a poucas centenas da época do “descobrimento” europeu.

³ Guedes faz um detalhado estudo, além dos cronistas e outros documentos, de cartas náuticas, de mapas, especialmente do de Juan de la Cosa, do condicionalismo físico do Atlântico e dos depoimentos acerca da navegação, analisando rumo a rumo tomados.

Esta primeira informação leva a crer que os indígenas se esconderam dos europeus, pois, além das marcas, conforme Pedro Mártir (1989: 76), não longe daquele local, à noite, viram fogueiras “[...] a modo de acampamento, encontraron gente que pernoctaba al raso [...]”.

É muito provável, que os sinais encontrados pelos espanhóis provinham das populações pescadoras-coletoras-caçadoras que viviam nessa costa.⁴

Seguindo a informação de Pedro Mártir de Anglería (1989: 76) a qual, segundo ele, foi colhida junto aos marinheiros da expedição, após avistarem os fogos, na manhã seguinte, tentaram realizar contato com os indígenas, os quais não aceitaram nenhuma tentativa de conversação, mostrando-se, ao contrário, prontos para o combate. À noite, fugiram, abandonando os lugares que haviam ocupado, ao que Pedro Mártir os comparou a povos ambulantes “[...] que sin casas fijas siguen con sus mujeres e hijos los frutos de la tierra [...]”.

Prosseguindo a viagem, encontraram outro rio de pouca profundidade, onde não poderiam seguir nas caravelas. Enviaram botes para aterrarem e investigarem o terreno. Foi então que se deu a primeira contenda, que deixou oito espanhóis mortos. Nesse caso, é interessante ressaltar a ação indígena contra os espanhóis:

Ellos pareció que querían coger a alguno de los nuestros y llevárselo. Pues desde lejos le echaron un canuto dorado de un codo, porque antes él les había echado un cascabel para atraerlos. Cuando el español se inclinó para coger el canuto que le habían tirado, en un abrir de ojos le rodearon los indígenas para cogerlo; y éste, con su escudo y espada de que iba armado, se defendió de ellos hasta que los compañeros le auxiliaron con los botes. (ANGLERÍA, 1989: 77).

Este episódio foi narrado por Oviedo (2007), afirmando que se passara no Marañon (rio Amazonas), e apenas o testemunho meio desconexo de Garcia Fernandez (COLLECCIÓN, 1894) também afirma que essas “sete ou oito mortes” aconteceram no Marañon. O relato de Pedro Mártir, que coloca a contenda antes da chegada ao Amazonas, parece mais confiável, pois, além de ser mais pormenorizado, condiz com o traçado da costa, com as rotas adotadas, e, inclusive, as suas informações quase “etnográficas” sobre os povos encontrados são bastante adequadas (a observação sobre os habitantes encontrados na costa do Ceará ao Maranhão, por exemplo, descritos por Pedro Mártir como “ambulantes”, é acordante com os grupos indígenas históricos que ocupavam a maior parte da costa desta região). Como ele descreve um rio de pouca profundidade, não poderia ser confundido, de modo algum, com o Amazonas, nem com o Tocantins/Pará.

⁴ □ No sentido da navegação para o Oeste, de Fortaleza ao Pará, são encontrados vários sítios arqueológicos litorâneos. Em um deles, no Piauí, foram encontradas três datações para três amostras cerâmicas: aproximadamente 2.700, 760 e 420 anos, esta última aproxima-se das datas em que Diogo de Campos Moreno (1613) e o mapa de Albernaz I (1629) localizam, nas proximidades, os índios Tremembé (BORGES, 2006).

Chegando à região do atual Estado do Pará, denominada pelos nativos *Mariatambal*, os indígenas são descritos como pacíficos e sociáveis, como informa Antón Fernández Colmenero (COLLECCIÓN, 1894: 165): “[...] en aquella tierra fallaron mucha gente pintada que se benia seguramente a donde estava el dicho viceynte añez e su conpañia [...]”. É nesse local que Pinzón captura trinta e seis “cativos” (ANGLERÍA, 1989; OVIEDO, 2007). A capitulação de Pinzón, de 5 de setembro de 1501, deixa bastante claro que ele nomeia *Mariantabalo* a região da boca do rio Amazonas, o qual batizou Santa Maria de la Mar Dulce, com suas respectivas ilhas.

De lá, a expedição seguiu rumo norte, obedecendo à inflexão da costa do atual Estado do Amapá. Chegou à região de Pária, que já havia sido visitada por Colombo; Hojeda, La Cosa e Vesúcio; e os irmãos Guerra e Niño.

Em torno de um mês após a saída de Pinzón, em direção à costa setentrional brasileira, partiu Diego de Lepe na mesma rota. As maiores fontes narrativas sobre a viagem de Lepe são o relato de Las Casas (1875: 453-454 apud GUEDES, 1975: 217) e as *Probanzas*. Diz Las Casas (ibidem):

[...] Entraran en el rio Marañon, y allí robaron y saltearon la gente que pudieron, donde Vicente Yañes habia tambien, tomado con injusticia 36 ánimas, que se veniam pacíficos é confiados á los navios, y traídos por esclavos. Parece, que como quedaron del Vicente Yañes agraviados y experimentados, llegando el Diego de Lepe, pusiéronse en armas, matáronle 11 hombres, y porque siempre han de quedar los indios más lastimados, debian de matar muchos dellos y prender los que más pudiesen por esclavos [...].

O percurso percorrido antes de chegarem ao Marañon (Amazonas) foi mencionado por Alonso Rodriguez de la Calva (COLLECCIÓN, 1894: 132, grifos nossos): “[...] llegaron a la tierra a una baya que este testigo e los otros que yban juntos le pusieron nonbre san julian, e en la dicha baya e tierra que dicho ha **no hayaron lenguas ningunas**, e de allí corrieron contra el poniente fasta llegar al Rio de marañen [...]”. É interessante observar, que na região anterior ao Amazonas, os indígenas, provavelmente, adotaram com a expedição de Lepe o mesmo comportamento observado por Pinzón: esconderam-se, evitando o contato.

Já quando a expedição de Lepe chegou ao Amazonas, como informou Las Casas, os indígenas atacaram os espanhóis. As deduções de Las Casas, sobre os indígenas estarem “agraviados e experimentados” devem estar corretas, pois como afirma o tripulante de Pinzón, García Ferrando (COLLECCIÓN, 1894: 190): “[...] diego de lepe fué a descobrir por su parte e llegó al Rio de marañen donde recybieron mucha afrenta de los yndios [...]”.

Os testemunhos indicam que a Pinzón coube a prioridade da “descoberta” até o Amazonas, onde se detivera por algum tempo e se encontrara com Lepe, que vinha no seu

enclaustrado. Daí, Lepe seguiu para Pária antes de Pinzón. Um dos pilotos de Lepe, Bartolomé Roldan (COLLECÍON, 1892: 299), atesta o “maravilhamento” dos nativos perante a frota que descortinava a costa entre o Rio Grande (Amazonas) e Pária:

[...] é que Vicente Añes llegó en aquel viaje entre Paria é el Rio grande, que abia descubierto Diego de Lepe, é este testigo pasó por la costa, hasta Paria, é dixo este testigo que hasta entonces no sabe que ninguna persona lo oviese descubierto, porque al tiempo quel dicho Diego de Lepe, y este testigo é las otras personas que yban con ellos en aquel viaje des que llegaron en la tierra, la gente della se maravillavan de los ver, porque parecia que antes no avian visto á otros cristianos [...].

Considerações Finais:

Os espanhóis chegaram à costa Setentrional da América do Sul capturando prisioneiros e armando conflitos, desde as primeiras investidas. Alguns grupos indígenas foram abordados violentamente. O próprio Colombo levou cativos, inclusive crianças, como afirma Diego Prieto (COLLECÍON, 1894: 45): “[...] no quiso facer más que tomar cuatro o cinco niños el dicho almirante para saber la lengua y el secreto de la tierra e se fue [...]”. Hojeda, la Cosa e Vespúcio, que não foram bem sucedidos nas trocas por pérolas, levaram duzentos e trinta e dois índios para a Espanha. (GUEDES, 1975: 196). Niño, por sua vez, apesar do bom carregamento de pérolas, também entrou em conflito com os indígenas e carregou escravos. É evidente que as informações sobre esses primeiros contatos, percorreram as redes de relacionamento indígenas, e um possível exemplo de reação à violência pode ser visto através da proposição de Las Casas sobre a expedição de Lepe no Marañon (Amazonas).

A partir dos poucos relatos expostos, pode-se esboçar diferenciações no comportamento dos grupos encontrados na costa do Ceará, Piauí e Maranhão, daqueles encontrados na desembocadura do Amazonas. Apesar das diferenças culturais e linguísticas, os indígenas da região do Amazonas assemelham-se mais aos povos encontrados na Costa de Pária, onde se desenvolveram, com mais facilidade, as primeiras trocas com os europeus.

No caso da costa do Ceará, Piauí e Maranhão, observou-se uma recepção mais cautelosa, através do ato de esconder-se, e também mais agressiva, já no primeiro contato, que pode ser analisada no episódio, que poderia ser chamado até de emboscada, do “canudo dourado”.

Muitas questões permanecem em aberto, e em virtude da qualidade das informações, muitas dessas inferências merecem um estudo mais acurado. É importante salientar a importância dos estudos arqueológicos nessa região, para que mais dados possam ser levantados, e assim, mais se possa informar sobre os indígenas da Costa Leste-Oeste. É

válido, contudo, lembrar que os indígenas históricos associados a essa região são os Tremembé, os quais podem se caracterizados como povos pescadores, permanecendo por dois séculos arredios à presença de intrusos em seu território, sendo aldeados somente no início do século XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGLERÍA, Pedro Mártir. *Décadas del nuevo mundo*. [1511-1516]. Madrid: Polifemo, 1989. (Década Primeira, capítulo I, p. 9-15, capítulos VI a IX, p. 55-92).

BORGES, Jóina Freitas. *Sob os areais: arqueologia, história e memória*. Teresina: UFPI, 2006. (Dissertação de mestrado digitada).

COLLECCIÓN de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y organización de las antiguas posesiones españolas de ultramar. Segunda série. t. 7 – I dos Pleitos de Colón. Madrid: La Real Academia de la História, 1892. 449 p. Fac-símile digitalizado disponível em: <<http://www.archive.org/details/colecciondocument07seririch>>. Acesso em 06 nov. 2008.

COLLECCIÓN de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y organización de las antiguas posesiones españolas de ultramar. Segunda série. t. 8 – II dos Pleitos de Colón. Madrid: La Real Academia de la História, 1894. 464 p. Fac-símile digitalizado disponível em: <<http://www.archive.org/details/colecciondocument08seririch>>. Acesso em 06 nov. 2008.

GUEDES, Max Justo. As primeiras expedições de reconhecimento da costa brasileira. In: MINISTÉRIO DA MARINHA. *História naval brasileira*. v. 1. Tomo 1. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975. p. 177-245.

HILL, Jonathan D. Introduction: ethnohistory in the Américas, 1492-1992. In: _____ (ed.). *History, power and identity: ethnohistory in the Américas, 1492-1992*. Iowa City: University of Iowa Press, 1996. p. 1-19.

OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo Fernandez de. [Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar océano. \[ca 1535-1557\]. Tomo primero de la segunda parte, segundo de la obra](#). Livro V, capítulos I e II. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007. (ed. digital baseada na ed. de Madrid: Real Academia de la Historia, 1852. p. 209-216). Fac-símile digitalizado disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=24194>>. Acesso em 05 jan. 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonnville ao Brasil: 1503-1505*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 186 p.

PHILLIPS JR., Willian D.. Defining the coastlines: eyewitness testimony and mapping of Spain's first American possessions, 1492-1536. *Seascapes, Littoral Cultures, and Trans-Oceanic Exchanges*. 12-15 Feb. 2003. Library of Congress, Washington D.C. Disponível em: <<http://www.historycooperative.org/proceedings/seascapes/phillipsjr.html>>. Acesso em: 11 mar. 2008.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia amazônica. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 53-86.

WHITEHEAD, Neil L. Ethnic transformation and historical discontinuity in native Amazonia and Guayana, 1500-1900. *L'Homme*, Paris, ano XXXIII, n. 126-128, p. 285-305, avr.-déc. 1993.

_____. Northeastern South America (c. 1500-1900). In: SALOMON, Frank; SCHWARTZ, Stuart B. (ed.). *The Cambridge history of the natives peoples of the Americas*. v. III, part 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 382-422.

Manuscrito

ES.41091.AGI/16403.15.412//INDIFERENTE, 418, L.1, F.36-38V – Assiento con Vicente Yañez Pinzón. (Granada, 05 set. 1501). Disponível em: <http://pares.mcu.es/ParesBusquedas/servlets/ImageServlet?accion=43&txt_id_>. Acesso em: 24 out. 2007.

Testemunhos:

CALVA, Alonso Rodrigues de la. Probanza hecha á petición del fiscal, con arreglo á interrogatorio de veinticuatro preguntas. Sevilla, 11 ago. 1515. In: COLLECCIÓN, 1894, p. 132-133.

CORRAL, Andrés. Primeira probanza del Almirante sobre lo del Darien. Santo Domingo, 10 jun. 1512. In: COLLECCIÓN, 1892, p. 114-117.

IBARRA, Bernardo de Ibarra. Primeira probanza del Almirante sobre lo del Darien. Santo Domingo, 10 Jun. 1512. In: COLLECCIÓN, 1892, p. 138-139.

FERNANDEZ, García. Probanza hecha á petición del Fiscal con arreglo al interrogatorio de veinticuatro preguntas. Huelva, 25 set. 1515. In: COLLECCIÓN, 1894, p. 158-162.

FERRANDO, García. Probanza hecha á petición del Fiscal, según interrogatorio de veinticuatro preguntas. Palos, 1 out. 1515. In: COLLECCIÓN, 1898, p. 186-195.

MORALES, Andrés de. Probanza hecha á petición del Fiscal, de que el descubrimiento del Darien fué debido á varios pilotos y no á D. Cristóbal Colón. Santo Domingo, 7 dez. 1512. In: COLLECCIÓN, 1892, p. 200-208.

PRIETO, Diego. Probanza hecha á petición del almirante D. Diego Colón, según interrogatorio de catorce preguntas. Palos, 15 fev. 1515. In: COLLECCIÓN, 1894, p. 44-49.

ROLDAN, Bartolomé. Probanza hecha á petición del Fiscal para acreditar lo que descubrió D. Cristóbal Colón en la tierra firme. Santo Domingo, 10 nov. 1513. In: COLLECCIÓN, 1892, p. 297-301.

TERREROS, Francisco de. Primeira probanza del Almirante sobre lo del Darien. Santo Domingo, 10 Jun. 1512. In: COLLECCIÓN, 1892, p. 149-151.